

A necessidade de um programa mais sério

ORIVAL DE BRASIL/

Economia - Brasil

Heitor Tepedino

Desde que o Brasil faliu em 1982, a retomada de investimentos vem mostrando-se muito lenta, o que está dificultando manter-se a oferta compatível com a demanda, cujos resultados refletem-se mensalmente nos índices inflacionários. Talvez a recuperação salarial de muitas classes trabalhadoras tenham avançado mais do que a velocidade da ocupação da ociosidade de muitos setores industriais, provocando este fenômeno de que tudo que é produzido está sendo comercializado, o que é um contraste com a crise financeira que o País vive na área externa e, também, na área interna, em termos da dívida pública.

Não muito distante no tempo, precisamente há dez anos, o Brasil convivia com uma inflação anual de 29,4%, com o choque do petróleo elevando este patamar para a média de 40% nos três anos seguintes, até que em 1980 caímos nos terríveis três dígitos, com o IGP fechando nos 110,2%. Em 1981 e 82 o governo reagiu e retomou os dois dígitos, com uma inflação de 95,2 e 99,7%, respectivamente, podendo-se verificar que justamente a partir de 1982 — quando o Brasil perdeu o crédito no exterior e zerou as duas divisas internacionais — que a inflação disparou para não mais apresentar qualquer sinal de esfriamento. Coincidemente, no pique da recessão, cuja função era, unicamente, de reduzir os índices inflacionários, o que não foi alcançado nem com o achatamento salarial nem com o crescimento negativo da economia.

Tanto assim que justamente em 83 e 84 a inflação disparou ultrapassando todos os limites admissíveis, pipocando para 211% e 223,7%, respectivamente, verificando-se que nos últimos três anos o governo se mostrou totalmente impotente para inverter este quadro. As medidas adotadas tanto na área financeira como fiscal foram insuficientes, os juros agingiram patamares alucinantes, o consumidor perdeu a noção do valor da moeda e dos preços dos produtos, enfim, caímos na anarquia econômica que perdura até os dias de hoje.

17-07-1985 A maioria dos economistas acusam os gastos públicos como o vilão da economia, outros os salários, já existindo até um consenso entre os chamados monetaristas e estruturalistas, o que ocorre quando a vaca vai para o brejo e ninguém sabe o que seria correto ou não. Estamos convivendo com uma fase histórica desde o descobrimento do Brasil, que é a falta de um diagnóstico global dos males que nos atingem, permitindo que toda a Nação, seja por conscientização ou por um pacto social encontre um caminho que permita mais tranquilidade à população, que vive em pânico o dia-a-dia, seja com os preços dos transportes, alimentos, combustíveis, serviços públicos, como luz, telefone, etc., sempre sem saber-se como as contas serão pagas no fim daquele mês.

Neste ano já não dá para ter esperanças de qualquer melhoria. Faltando pouco mais de 45 dias para encerrar-se os 12 meses, o governo leva de crédito índices inflacionários de novembro e dezembro de 1984 de 9,9%, e 10,5%, mas dificilmente conseguirá resultados melhores, já existindo prognósticos de que este mês podemos atingir um IGP entre 10 e 11%, o que não é um bom indicador. Supondo-se que num esforço extremo se consiga manter nos últimos dois meses deste ano uma inflação de 10%, fecharemos o ano com um estrondoso IGP de 211%, o que não é glória para ninguém.

Por esses números, verificamos que nos últimos três anos estamos estagnados, amarrados a uma inflação que da olé no governo, havendo muitas dúvidas sobre o crescimento do PIB, porque sente-se que a aeronave tem três turbinas e apenas uma está em funcionamento, o que evita a queda mas não garante atingir-se o destino desejado. Desta forma, a Nova República inicia o ano de 1986 precisamente como chegamos de ressaca em 1º de janeiro de 1985, sem crédito externo, exportações estagnadas, inflação acima dos 200%, produção agrícola aquém do consumo interno, reajustes salariais ainda insuficientes perante o custo de vida, a usina nuclear ainda sem funcionar, enfim, quando teremos um programa sério?